

O rio São Francisco e a travessia do povo – religião e cultura

JOSÉ SÉRGIO ALELUIA DOS REIS*

A água - em gotas - da chuva era
a refeição do rio.
(ZIRALDO)

Amazonas, Araguaia, Tocantins, Paraná, Paraguai, Uruguai, São Francisco, Paraíba do Sul, Jequitinhonha, Doce, temos dezenas de grandes rios. Centenas são os rios de médio porte. Milhares são os rios de pequeno porte no nosso território. Juntos, eles formam um sistema hídrico de grande importância histórica, econômica, social e ambiental num país de dimensões continentais como o Brasil.

Os rios são vitais para nossa qualidade de vida, não só fornecendo água para os sistemas de abastecimento humano, mas também atuando como agentes de nossa saúde pública, pois são receptores de nossos esgotos domésticos.

Eles são hoje suportes para nossa economia e desenvolvimento, pois fornecem a matéria prima básica (a água) para a indústria e agropecuária, geram energia elétrica e funcionam como meios de transporte (hidrovias). Além disso, eles abrigam a riqueza de nossa biodiversidade aquática, nos fornecem a pesca, nos proporcionando também a recreação, o lazer e a beleza estética.

Entretanto, segundo dados oficiais, cerca de 90% de nossos rios estão, hoje, com a qualidade da água comprometida devido à poluição. Eles se transformaram, assim, em canais abertos de esgotos, como afirmou o cientista Augusto Ruschi:

“No Brasil, rio é esgoto” (RUSCHI, 1983, p. 42).

A poluição de nossas águas impede o uso dos rios pela população e reduz a sobrevivência de peixes e da biodiversidade. O processo de degradação dos rios brasileiros abrange o lançamento de esgotos domésticos e industriais, sem tratamentos adequados, o desmatamento desenfreado provocando a morte das matas ciliares e das nascentes, os processos de erosão dos solos e assoreamento de seus leitos, a construção de grandes barragens, o recebimento do lixo produzido nas cidades e os resíduos do uso

* Professor da Escola Estadual do Ouro Preto. Mestre em Engenharia Ambiental (UFOP)

de indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras. Ainda assim, no dia 24 de novembro é comemorado o Dia do Rio.

É curioso observar como subestimamos e não damos o valor devido a nossos rios. Se fizermos, hoje, uma comparação de como as populações indígenas e nós, representantes da sociedade urbano industrial, os tratamos, vamos concluir que a questão é cultural.

Em depoimento concedido aos autores e publicado na revista *Águas do Rio Doce*, edição 5, 2007, o líder indígena Krenak Douglas Thã, da aldeia localizada às margens do rio Doce, no município de Resplendor, nos descreve uma prece de seus ancestrais : "Watu Myrnhamn ererré. Watu bók ynhaitborun amangut ererré":

(O rio Doce, de águas boas, dá o peixe e a caça. Obrigado pela comida).

O líder Krenak Douglas fez ainda a seguinte afirmação: “O rio Doce é pai e mãe de nosso povo. É ele que nos dá alimento e a cura para nossos espíritos. Portanto, os malefícios que a sociedade faz ao Doce, faz ao meu povo também”.

O respeito, o amor, a gratidão e o forte vínculo que os indígenas brasileiros têm pelos rios é comovente. Quanto a nós, parece que prevalece a indiferença e a omissão.

Portanto, a História e a Cultura são fundamentais para o bom entendimento das questões socioambientais, principalmente do significado cultural da água e de nossos rios. Os rios são um patrimônio histórico e cultural do Brasil, mas parece que a grande maioria de nossa população ainda não entendeu quem são eles.

1. UM RIO COMO UM SISTEMA-TERRITÓRIO:

A compreensão do ciclo hidrológico é essencial para entendermos o que é um rio, sua temporalidade, sua transitoriedade e sua fragilidade. Nem todos os rios são perenes, sendo muito comum, principalmente no nordeste brasileiro, a existência de dezenas de rios temporários.

“O rio nasce – doce – na gorda barriga da montanha e vai morrer na praia
Todo dia o rio nasce,
Todo dia o rio morre,
Todo dia o rio parte,
Chega o rio, todo dia,
Ao seu destino de sal ”.
(ZIRALDO, 1998, p.29)

Todos os rios correm para o mar e é lá onde tudo termina e tudo começa, no fantástico ciclo da vida. A grande superfície molhada do planeta recebe a energia do poderoso Sol e começa a evaporação. As nuvens se formam, os ventos sopram, as plantas transpiram e todos ajudam a formar as chuvas. Elas caem e alimentam as nascentes, os reservatórios naturais. As águas que brotam dessas nascentes vão formar os ribeirões, que seguem para as partes mais baixas dos terrenos até encontrar um outro curso d'água e assim sucessivamente até chegarem a um rio principal. Ele segue para o mar e assim todo o ciclo recomeça.

A compreensão sistêmica dos rios nos leva a buscar entendê-los como um sistema fluvial complexo. Entretanto, se queremos conhecer um rio não devemos separá-lo de sua bacia hidrográfica, que é conceituada a seguir por Paula :

“Bacia Hidrográfica é um sistema aquático e terrestre, geograficamente definido, e composto por sistemas físicos, biológicos, econômicos e sociais” (PAULA ET AL.1997, p. 258).

O sistema bacia hidrográfica de um rio precisa ser entendido dentro da sua dinâmica, sua sinergia e sua complexidade. Conhecer um rio e sua bacia hidrográfica significa, inicialmente, identificar bem seus vários elementos ativos (físicos, econômicos, sociais, culturais etc). Depois, é preciso compreender suas inter-relações. Somente assim, vamos explicar o que está acontecendo com o todo, isto é, ter uma visão de conjunto daquele sistema.

Cerri afirma: “O coração do rio são os minadouros distantes, seus afluentes” (CERRI, 2000, p.30).

As centenas de córregos e ribeirões afluentes vão desaguando no rio principal e ele vai crescendo, se avolumando, ficando mais forte. Tudo converge para o rio principal, todas as nascentes de uma bacia hidrográfica são nascentes dele, correm para ele. Desses encontros, depende a sua força. As partes formam o todo. O sistema rio, assentado em cima de um território, depende da contribuição de cada uma das partes. Estabelece-se, assim, naturalmente, o princípio da solidariedade. O que seria, por exemplo, do rio São Francisco se não existissem os rios das Velhas, o Paraopeba, o Abaeté, o Paracatu, o Pardo, o Pandeiros, o Peruaçu, o Urucuia, o Verde Grande, além de centenas de pequenos córregos que deságuam diretamente nele?

O rio principal faz a ligação entre as várias regiões, economias, e pessoas dentro da sua bacia hidrográfica, de seu território. Ele não é apenas um elemento físico; ele é um elo de integração social e cultural; ele é uma referência para a agricultura, o comércio, o calendário escolar, governos, festas regionais. O rio está muito presente no cotidiano das pessoas.

“Um rio é algo mais que um acidente geográfico, uma linha no mapa, uma parte do terreno imutável. Ele não pode ser retratado adequadamente em termos de topografia e geologia. Um rio é um ser vivo, um ser dotado de energia, de movimento, de transformações”. (PHELPS, 46)

O professor Milton Santos (2000) frisa que território não é apenas uma coisa colorida num mapa, assim como um rio não é apenas um curso d'água. Um rio é um ser vivo complexo, e que abrange uma interação dinâmica e uma sinergia entre terra, gente, trabalho, desenvolvimento, memória, fé, singularidades, cultura, poder e sonhos de um futuro melhor. Rio não é só águas, mas também árvores, pássaros, peixes e muitos outros seres vivos, entre eles o homem.

“O território é o chão e as pessoas; a identidade e os fatos, o sentimento de pertencimento” (SANTOS, 2000, p.10). Esse sentido de territorialidade descrito por Santos é importante, pois liga o passado ao presente e ao futuro das pessoas. Ele chama atenção para a força da identidade coletiva, que envolve e forma vínculos com gerações que antecederam e que sucederão uma comunidade específica. E o rio é um ator muito importante na história da gente do lugar.

Dentro dessa mesma visão, o professor americano John Friedmann afirma:

“A afetividade ao território onde vivemos é um dos mais importantes vínculos do ser humano. O território liga o presente ao passado, com uma base de memórias comuns e também ao futuro com um destino comum” (FRIEDMANN,1992, p.199)

A sobreposição harmoniosa dos conceitos de bacia hidrográfica e de território coloca o tema rio, dentro de uma base realista: o rio está presente na história das pessoas e das comunidades, na economia, nas tradições culturais, no seu dia a dia. Estes conceitos enfatizam também a visão de conjunto do que seja um rio, isto é, um rio são vários e eles se mantêm vivos pelo princípio da solidariedade, o qual abrange também as pessoas e suas preocupações com um futuro melhor.

O sistema bacia hidrográfica e o território de um rio apresentam diferenças marcantes em termos de topografia, solos, riquezas minerais, condições climáticas,

cobertura vegetal, fauna e flora, disponibilidade de águas e atividades econômicas entre as suas várias regiões. No entanto, por todas elas viaja o rio no seu caminho para o mar. Ele passa por montanhas, vales, florestas, cidades pequenas, cidades grandes, fazendas, fábricas, até chegar ao destino final.

Mas o rio viaja também no meio de sua gente e suas histórias. São belas e muito variadas as manifestações culturais do povo do lugar, desde as festas populares, o folclore, a música, o artesanato, até uma tradição secular de cozinha. Em tudo o rio está presente, todo dia. Como afirma Ziraldo, “É muito grande a família do povo que faz o rio” (ZIRALDO,1998)

2. A CULTURA DO RIO: O RIO DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ.

“Os rios têm sido fundamentais na experiência humana. Eles têm guiado e alimentado as várias civilizações. Eles contribuem para e refletem a complexidade dos ciclos naturais do planeta. Entretanto, até agora, ninguém abrigou experiências naturais e humanas, para a celebração, investigação e ensinamentos sobre os rios” (JOHN MCLACHLAN, 2006, p.6)

2.1. O RIO DE ONTEM

“Os rios são testemunhas silenciosas da história dos homens” (GUERRA, 2007, p.51)

Todo rio tem um nome que é como sua identidade. Na sua grande maioria, os rios brasileiros têm nomes de origem indígena. Uma outra parte significativa tem nomes dos santos (geralmente aquele do dia em que os pioneiros se encontraram com o rio pela primeira vez. Por exemplo, existem dezenas de rios com o nome de Santo Antônio, em vários estados brasileiros).

Cada um com seu nome e suas peculiaridades, os rios brasileiros foram fundamentais no processo de ocupação de nosso território e ajudaram a desenhar e ampliar nossas fronteiras. Na prática, eles ajudaram a romper o Tratado de Tordesilhas. Os rios também forneceram o ouro e serviram de referência nos constantes deslocamentos dos bandeirantes e na fundação dos povoados.

“Como caminhos, para a historiografia, os rios precisaram a direção - o interior, o sertão - e a ação - o devassamento e a incorporação do sertão ao Brasil oficial. Definiram a marcha para o Oeste, dos paulistas e do capital”. (CORRÊA, p. 23).

“Os rios levam nos ombros os homens para descobrirem o que o sertão quer” (CASSIANO RICARDO apud CORRÊA, 2006).

Além disso, propiciaram o surgimento de uma rica cultura material, fruto da união de crenças, valores e práticas de diferentes grupos étnicos (europeus, indígenas e negros). Na verdade, quando aqui chegaram tudo que os pioneiros europeus aprenderam sobre os rios veio do conhecimento dos indígenas, desde o nome até a construção das embarcações leves, a navegação, os peixes, os riscos, as doenças e as plantas medicinais para sua cura, as lendas etc.

Sérgio Buarque de Holanda foi um dos primeiros historiadores a expressar o conceito de os rios são natureza e cultura. Ele chamou a atenção para os usos desses cursos d'água, e das relações homem-natureza, as interferências humanas e o cotidiano que se desdobrava ao seu redor. A partir daí, passou-se a perceber melhor que os rios não eram apenas as estradas das águas, eles eram um caudal de cultura.

Depois de domados e até nomeados, os rios deixavam de ser elementos brutos da natureza e passaram a ser incorporados dentro de um contexto cultural. Assim, eles contribuíram para a construção de uma identidade regional, rica de significados e valores.

Portanto, estes significados simbólicos dos rios são de grande importância, uma vez que são expressões do imaginário popular. Este é o caso, por exemplo, do pequeno rio Ipiranga e sua relação com nossa independência; do rio São Francisco, conhecido como o “rio da unidade nacional”, mas que é carinhosamente chamado pela população de “Velho Chico”; do rio Amazonas que os brasileiros gostam de dizer que é o maior rio do mundo.

Em 1953, João Cabral de Melo Neto publicou um poema intitulado *O Rio: ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*.

É interessante notar que na sua narrativa o autor parecia ser o próprio rio, com expressões e sentimentos. Ao “descer” o rio Capibaribe, ele foi acompanhando seu movimento, enquanto admirava a paisagem, a história dos homens, lutas, tragédias e transformações. Passou-se, assim, a idéia de que o rio era um ser vivo, era gente.

“... Deixando vou as terras / de minha primeira infância.
Deixando para trás / os nomes que vão mudando.
Terras que eu abandono / porque é de rio estar passando.
Vou com passo de rio, / que é de barco navegando.
Deixando para trás / as fazendas que vão ficando.

Vendo-as, enquanto vou, / parece que estão desfilando.
Vou andando lado a lado / de gente que vai retirando;
vou levando comigo / os rios que vou encontrando.

... Agora vou deixando / o município de Limoeiro.
Lá dentro da cidade / havia encontrado o trem de ferro.
Faz a viagem do mar / mas não será meu companheiro,
apesar dos caminhos / que quase sempre vão paralelos.
Sobre seu leito liso, / com seu fôlego de ferro, lá no mar do Arrecife
ele chegará muito primeiro.
Sou um rio de várzea, / não posso ir tão ligeiro.
Mesmo que o mar os chame, / os rios, como os bois, são ronceiros”.

2.2. O RIO DE HOJE

O rio é a casa das águas. Há milhares de anos, o rio lava e leva as coisas boas ou ruins que estão nas suas margens, que caem ou são jogadas no seu leito. O rio é também sinônimo de força, velocidade, beleza, magia, mistério, energia, fertilidade e biodiversidade.

No rio, tudo acontece de uma forma equilibrada e perfeita, pois ele mantém uma estreita e harmoniosa relação com os solos, a vegetação, e os seres vivos. Suas curvas, seu leito, suas margens com florestas e planícies de alagação, sua velocidade, seu fundo misterioso onde vivem milhões de seres vivos, funcionam dentro da lógica da natureza. Assim, ele dá suporte à vida e a transporta.

“O útero do rio são as planícies de alagação. É aí que se dá o casamento do mato com a água que agasalha, alimenta e rejuvenesce os cardumes” (CERRI, 2000, p.7).

Milhares de cidades brasileiras cresceram acompanhando o rio, seguiram suas curvas. O rio acolhe a cidade, marca o seu dia a dia e embeleza sua paisagem.

Ao longo de seu percurso, o rio e seus afluentes vão oferecendo suas águas para os mais variados usos: consumo humano, agricultura e pecuária, produção industrial, matar a sede dos animais, pesca, etc beneficiando milhares de agricultores, pescadores, cidadãos urbanos, animais, usinas hidroelétricas, etc.

Mas não só usamos e extraímos deles a água. Neles também jogamos quase todos nossos rejeitos e esgotos domésticos e industriais, sem maiores cuidados. Como consequência, suas águas já não servem para o abastecimento humano (a menos que sejam submetidas a um caro processo de tratamento químico), para a natação e nem para serem utilizadas na horta. O rio ficou doente. Um bom indicador da saúde do rio e

da qualidade de suas águas no tempo do ontem era a presença das lavadeiras em suas margens. Hoje, elas não podem mais nele trabalhar, como faziam há 40 anos.

Os rios têm sido ignorados pelos poderes públicos, empreendimentos comerciais/industriais e até pela própria população, sendo lembrado apenas nos períodos chuvosos, quando ficam bravos e ameaçam as cidades, as propriedades rurais e vidas humanas. Aí sentimos medo deles, por sua força, sua fúria indomável e capacidade de destruição. As inundações constantes, repetitivas, desoladoras e que atingem principalmente as populações ribeirinhas mais pobres, são reflexos da crise nas administrações públicas, principalmente na gestão dos recursos hídricos.

“Queremos nosso rio limpo. A quem vamos recorrer?”. (Faixa carregada pelos estudantes na caminhada da Expedição Rio Piracicaba pelas ruas de Fonseca, distrito de Alvinópolis, às margens do Rio Piracicaba, em Minas Gerais, em 09/07/99).

Considerando os usos diversos da água e seus significados para a vida no planeta, é importante lembrar que ela é também uma questão política. Desde a Constituição Federal de 1988, a água não tem dono, é um bem público. Por isto, precisamos harmonizar os seus diversos usos, pois todos dependemos dela. A mesma água serve ao agricultor, a usina hidroelétrica, a indústria, ao abastecimento humano das cidades, o que pode gerar conflito de interesses no seu uso.

Um exemplo disso é a apropriação dos rios pelos grandes empreendimentos agro-industriais (sistemas de irrigação, grandes barragens, mineração etc), considerado hoje um fenômeno mundial. Os grandes rios brasileiros, por exemplo, passaram a ter “donos” e a sofrer enorme pressão, em nome da necessidade de se produzir energia elétrica para manter um determinado nível de crescimento econômico. Eles ficaram à mercê das variações e instabilidades do mercado e das ameaças de “apagões”. Isto mostra que a moderna legislação ambiental brasileira não é suficiente para que se possa praticar a gestão compartilhada das águas, conforme preconizada, na Lei Federal 9.433, de 1997, também chamada de Lei das Águas.

Como exemplo, citamos o caso de uma placa colocada às margens do Rio Piracicaba, o principal afluente do Rio Doce, próximo da barragem de uma usina hidrelétrica, no município de Antônio Dias, em Minas Gerais. Ela mostrava o seguinte aviso: “*PERIGO: Rio sujeito à variação brusca de nível*”. Tal aviso fez surgir uma indagação na comunidade local: “Quem é o sujeito que controla o nível do rio?”. Os

autores apuraram “in loco” que tal indagação foi considerada uma provocação pela empresa proprietária da usina.

Outro exemplo relevante é a construção de uma grande usina hidrelétrica no rio Doce, que causou grandes impactos ambientais às cidades vizinhas de Resplendor, Itueta e Aimorés, localizadas às margens deste grande rio, em Minas Gerais. A Usina Hidrelétrica de Aimorés, inaugurada em 2006, criou situações absolutamente inusitadas: o enchimento do grande lago da barragem forçou a reconstrução da pequena cidade de Itueta em outro local e a transferência de toda sua população (cerca de 4 mil pessoas). A partir daí, o rio foi desviado por um túnel até chegar às turbinas, na casa de força localizada 12Km abaixo. Com isto, o leito do rio Doce, que corta a cidade de Aimorés por cerca de 8Km, ficou sem água. A cidade simplesmente perdeu seu rio, embora a empresa proprietária tenha até construído um mirante para que a população pudesse apreciá-lo melhor!! A empresa alega que o problema é a seca, muito intensa nos últimos anos.

Sobre esse assunto, no jornal O Globo, de 12/08/2007, foi publicado por Miriam Leitão uma matéria que continha a seguinte frase:

“Melancólico descreve melhor o sentimento de quem olha a paisagem do mirante inútil. No fim do dia, em Aimorés, só as pedras refletem o brilho do sol no leito seco do Rio Doce” (LEITÃO, p.12).

Tais exemplos mostram que as empresas proprietárias das usinas hidrelétricas se vêem não apenas como vetores do crescimento econômico e do progresso regional. Na lógica empresarial, isto lhes dá o direito de serem as “donas do rio”, fazendo as intervenções físicas que julgarem necessárias. Aqueles que se posicionarem contra as empresas (ou a favor do rio) são considerados seus inimigos e adversários do progresso.

Cada segmento social, portanto, tem uma visão particular dos rios e elabora representações e significados próprios em relação a eles. O rio, então, pode ser visto como importante, bonito, útil, caudaloso, poluído ou perigoso. Historiadores, empresários, gestores públicos, agricultores, pescadores, artistas, escritores, população ribeirinha, cada um tem uma percepção dos rios e a emprega na afirmação de seus interesses e valores, como nos depoimentos mostrado a seguir:

“Este rio é tudo para nós, é o sustento do dia a dia”

(pescador e morador há mais de 50 anos, de Januária, MG, à margens do rio São Francisco, em depoimento concedido aos autores em 2006).

"O rio Piracicaba é barrado, invadido, explorado, sugado, poluído, assoreado, minerado, garimpado, desviado, alterado, cercado, agredido, despejado, envenenado, pisado, pescado, bebido, pesquisado, usado e ninguém diz obrigado!!! " (Mário Carvalho Neto, historiador, morador das margens do rio Piracicaba, em Coronel Fabriciano, MG, in Revista Caminhos Gerais , julho 2002).

“Para se conhecer um rio é preciso conversar com ele”

(morador de Resplendor, MG, às margens do Rio Doce, em depoimento concedido aos autores em 2006).

“O rio fala, o que precisamos é aprender a dialogar com ele”

(Cláudio Guerra, consultor ambiental, 2007).

2.3. O RIO DE AMANHÃ

O nosso estilo de vida, numa sociedade urbano-industrial, afeta diretamente a vida de nossos rios, mas também podemos dizer que nossos rios afetam diretamente nosso estilo de vida. O rio Tietê, na cidade de São Paulo, ilustra tal afirmação. O rio está muito poluído e assoreado pelas atividades humanas e em dias de chuvas fortes, ele sai de seu leito e inunda a cidade, causando distúrbios na vida de centenas de milhares de pessoas.

Precisamos redescobrir nossos rios, re-avaliar nossas posturas, reinventar e criar novos vínculos e conexões com nossos rios. Nos países ricos já existe uma nova visão e, sobretudo postura/atitude entre a cidade, os cidadãos e os rios. O planejamento urbano moderno cria novos espaços de lazer para as pessoas, com uma tendência irreversível de aproximação do homem com a natureza, com ênfase para as áreas verdes, o que está levando a uma maior interação entre as pessoas e os rios.

Um exemplo marcante é o do rio Mississipe, o mais importante dos Estados Unidos e que, recentemente, sob os efeitos do furacão Katrina, rompeu os diques e invadiu a cidade de New Orleans, deixando um rastro de destruição, mortes e centenas de milhares de desabrigados.

A Universidade de Tulane, com o apoio dos Governos Federal, Estadual (Luisiana) e Municipal (New Orleans), desenvolve, desde 2000, um projeto

interdisciplinar que criou um espaço regional dedicado a estudos técnico-científicos e culturais da bacia hidrográfica do rio Mississipe. Nesse Projeto, um elemento fundamental é a participação efetiva das comunidades locais.

O elemento de inspiração e de integração de uma série de atividades, programas e eventos é o rio Mississipe, mas, vale ressaltar que este não é um projeto puramente acadêmico. Ele é um projeto social que interliga os aspectos biológicos, geográficos, econômicos, geológicos, demográficos com os culturais, antropológicos, históricos e sociais.

O Projeto Mississipe é uma esperança de uma nova metodologia para cuidar dos nossos rios. Ele mostra que sem uma reconexão com o rio, sem uma redescoberta da cultura dos rios, não seremos capazes de garantir um futuro ecológico para as próximas gerações. O rio de amanhã está seriamente comprometido se não fizermos nada, hoje.

Outro exemplo relevante é o do Projeto Águas do Rio Doce, criado em outubro de 2004, em Minas Gerais, com o objetivo conscientizar os vários segmentos da sociedade daquela bacia hidrográfica sobre a importância da água como fator determinante do desenvolvimento e da qualidade de vida e como elemento cultural.

O Projeto realiza anualmente o Fórum das Águas do rio Doce que reúne milhares de participantes dos diferentes segmentos sociais para discutir, debater, trocar idéias e buscar soluções para os problemas sócio-ambientais da região. O Projeto edita também uma Revista chamada *Águas do Rio Doce* e publicou recentemente um Atlas Escolar da Bacia do rio Doce, que vem sendo utilizado como livro paradidático nas escolas da região.

Dois Programas se destacam nessa iniciativa:

- Geração Futura, que congrega estudantes até 14 anos para discutir o tema *nosso território, nossa gente e nosso futuro*, em reuniões regionais preparatórias para a reunião anual do Fórum das Águas;
- “Eu sou do Doce”, que valoriza as relações comunidades-território-rios trazendo as mais diversas manifestações culturais (artesanato, música, folclore, lendas, culinária, estórias de pescadores, etc), coletadas nos 230 municípios da bacia do rio Doce.

Portanto, um aspecto relevante para o rio de amanhã é a incorporação e valorização do conhecimento e da cultura das comunidades locais sobre o uso sustentável das águas em programas e projetos governamentais e da iniciativa privada.

Este enfoque já faz parte das preocupações de um programa específico da UNESCO, chamado de Água e diversidade cultural. Mesmo na área essencialmente técnica, alguns consultores já percebem que a tecnologia não dá resposta a tudo:

“As melhores soluções técnicas na gestão dos recursos hídricos numa bacia hidrográfica são aquelas que incorporam e aproveitam as sugestões e propostas das comunidades locais” (PERAZZA, consultor ambiental, 2006, in UP DATE, p11).

É estratégico aliar a tecnologia disponível com a cultura regional, valorizando a transparência e a efetiva participação das comunidades locais. Os rios de amanhã dependem do maior envolvimento dessas comunidades, que além de fazer sua parte precisam cobrar das autoridades e usuários uma nova postura e responsabilidades diante do futuro.

3. QUEM SÃO ELES, OS RIOS?

Somente nos últimos anos, os rios e seus afluentes, a sua bacia hidrográfica e seu território vêm merecendo a atenção da pesquisa científica. Entretanto, as pesquisas têm sido desenvolvidas, principalmente com o enfoque sócio-econômico e ambiental, que abrange o processo de ocupação e apropriação dos recursos naturais, com ênfase nos recursos hídricos. O que se conclui é que falta uma compreensão mais abrangente dos significados, valores e importância de um rio, num país riquíssimo em águas e rios como o Brasil.

Quem são eles, os rios? Os rios somos nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CERRI, Cláudio. **Um rio à procura de um país**. Revista Globo Rural, outubro, 2000.

CORRÊA, Dora S.. **Rios na formação territorial do Brasil**. Brasília: Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), 2006.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FRIEDMANN, JOHN. **Empowerment: The politics of alternative development**. USA: Cambridge - Blackwell, 1994.

GUERRA, Claudio. **Atlas Escolar da Bacia do Rio Doce**. Dom Cavati (MG): Projeto Águas do Rio Doce, 2007.

GUERRA, Cláudio. **Expedição Piracicaba 300 anos depois**. Belo Horizonte: Segrac, 2001.

LEITÃO, Miriam. **Aimorés, uma cidade que perdeu o seu rio**. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 12/08/2007.

MCLACHLAN, John. et al. **River sphere** . New Orleans: Tulane University, 2006.

PAULA, JOÃO ANTÔNIO et al. **Biodiversidade, População e Economia**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais - Projeto PADCT/CIAMB, 1997.

RUSCHI, Augusto. **Espírito Santo: Maldição ecológica**. Vitória: ASB Editora, 1983.

SANTOS, M..**O país distorcido**. São Paulo: Publifolha, 2000.

UP DATE. Delft, Holanda : UNESCO-IHE, 2006

ZIRALDO. **O menino do rio Doce**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.